

O Leão, de Evguéni Zamiátin

Helder da Rocha

Resumo: *Tradução de “O Leão”, de Evguéni Zamiátin.*

Palavras-chave: *Tradução, Literatura Russa*

Nota biográfica

Evguéni Zamiátin (1884-1937) foi um autor russo de ficção científica e sátira política. Sua obra mais conhecida é a distopia *Nós* (Мы), escrita em 1921, que trata de uma sociedade no futuro controlada por um estado policial. Esta obra teria influenciado George Orwell a escrever sua obra-prima *1984* e também o *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley. Zamiátin viveu na Rússia até 1931 quando pediu permissão a Stalin para emigrar, uma vez que suas obras eram todas censuradas no seu país. Mudou-se com a esposa para Paris, onde morreu seis anos depois, aos 53 anos.

O Leão foi escrito em 1935, em Paris.



Ilustração: Helder da Rocha

O Leão (Evguéni Zamiátin)

Tudo começou com um acontecimento absolutamente fantástico. Mais precisamente, o grande rei dos animais, o leão, revelou-se um grande bêbado. Ele tropeçou sobre as suas quatro patas e despencou para o lado. Isto foi uma absoluta catástrofe.

O leão estudava na universidade de Leningrado e em paralelo trabalhava como figurante de balé no teatro. No espetáculo de hoje, vestido em pele de leão, ele deveria permanecer de pé no penhasco e esperar o instante em que seria atingido por uma lança arremessada pela heroína do balé, quando o leão morto cairia do penhasco em um colchão atrás do palco. Nos ensaios tudo ocorreu perfeitamente, e justo hoje, no dia da estreia, faltando meia hora para a abertura das cortinas, o leão apronta uma dessas! Não havia figurantes extras. Cancelar o espetáculo seria impossível: nesta noite estaria presente um alto comissário do governo vindo de Moscou. No gabinete do “diretor vermelho”, acontecia uma reunião de emergência.

Alguém bate na porta, e no gabinete surge o bombeiro do teatro Pétia Jerebiákin. O “diretor vermelho” (ele agora estava realmente vermelho – de raiva) atirou-se na direção dele:

- O que é isto? O que você precisa? Não tenho tempo! Vá embora daqui!
- Eu, senhor diretor... eu... tem a ver com o leão, – disse o bombeiro.
- Então, o que é que tem o leão?
- Como o nosso leão está bêbado, eu gostaria, senhor diretor, de ser o leão.

Não sei se existem ursos sardentos e de olhos azuis. Se existem, então uma figura imensa como Jerebiákin, de coturnos que parecem de ferro fundido, pareceria muito mais com um urso, do que com um leão. Mas se por um milagre qualquer ele pudesse ser o leão? Ele jura que pode, que ele assistiu todos os ensaios das coxias, e que quando ainda era soldado fez um papel na peça “Rei Maximiliano”. Então, com despeito pelo diretor da peça que esboçava um sorriso torto, o diretor vermelho ordenou que Jerebiákin fosse vestir-se imediatamente para fazer um teste.

Em alguns minutos os músicos no palco já tocavam de surdina a “Marcha do Leão”. O Leão Pétia Jerebiákin apresentou-se na pele do leão, não como se tivesse nascido numa aldeia da província de Riazan, mas num deserto da Líbia. Porém, no último instante, quando deveria cair do penhasco, ele olhou para baixo e hesitou.

– Cai logo, demônio... cai! – chiou sussurrando furiosamente o diretor da peça.

O leão, obediente, despencou penhasco abaixo. Caiu de mal jeito sobre a coluna e permaneceu deitado, sem conseguir ficar em pé. Será que ele não vai se levantar? Será que no último instante teremos outra catástrofe?

Levantaram-no. Ele arrastou-se para fora da pele e levantou-se, pálido, com a mão na coluna e um sorriso envergonhado. Um dos seus dentes superiores estava faltando, e esse sorriso lhe passava uma aparência piedosa e infantil (se bem que sempre existe algo de infantil em relação aos ursos, não é mesmo?)

Felizmente não foi, aparentemente, nada muito sério. Ele pediu água. O diretor do teatro mandou que lhe trouxessem um copo de chá do seu gabinete. Depois que ele bebeu o chá, o diretor do teatro começou a apressá-lo.

– Bem, camarada, vá se vestir de leão. Entre no seu couro. Entre, entre, meu amigo, logo logo vamos começar!

Alguém, prestativo, veio correndo com o couro mas o leão recusou-se a entrar nele. Declarou, resolutivo, que tinha algo que precisava fazer fora do teatro.

Que necessidade extrema era esta, ele recusou-se a explicar. Apenas sorriu envergonhado. O diretor do teatro inflamou-se de raiva. Ele tentou obrigá-lo a cumprir uma ordem, tentou lembrar a Jerebiákin que ele, candidato do partido, era um operário padrão, mas o leão-operário-padrão, teimoso, não se rendeu. O diretor teve que ceder. Então, com o brilho desdentado de seu sorriso, Pétia Jerebiákin saiu correndo do teatro em disparada.

– Para que, para onde o diabo o carregou? – perguntou, mais uma vez vermelho de raiva, o diretor do teatro. – Que segredos são esses que ele esconde?

Ninguém tinha a resposta que o diretor vermelho queria: o segredo era conhecido apenas por Pétia Jerebiákin e, naturalmente, pelo autor desta estória. Então, enquanto Pétia Jerebiákin corre para algum lugar debaixo de uma chuva de outono em São Petersburgo, nós podemos fazer uma viagem no tempo até uma certa noite de julho, onde nasceu o seu segredo.

Essa noite não era noite. Era dia, cochilando levemente por um segundo, assim como cochila o soldado que marcha, sem interromper seus passos, confundindo sonho com realidade. No espelho rosado do canal cochilam, viradas de pernas para o ar, árvores, janelas, colunas, São Petersburgo. E de repente, com uma suave brisa, São Petersburgo desaparece. Em seu lugar surge Leningrado. Acordada pelo vento, com uma bandeira vermelha sobre o Palácio de Inverno. E diante de uma cerca no jardim Aleksandrovski, um policial com uma espingarda.

O policial estava cercado de perto por um grupo de operários dos bondes noturnos. Por detrás dos ombros, era visível a Pétia Jerebiákin apenas o rosto do policial: redondo, parecido com as maçãs-adocicadas de Riazan. Algo muito estranho acontece: agarram o policial pelos braços, pelos ombros, e finalmente, um dos operários, tirando o cachimbo da boca, gentilmente tasca um beijo na sua bochecha. O policial enrubesce, apita seu apito furiosamente, e os operários dispersam. Permanece Pétia Jerebiákin sozinho, cara a cara com o policial, e inesperadamente, como se assustado pelo vento do reflexo de São Petersburgo, o policial desaparece. Diante de Jerebiákin está uma mulher com quepe e uniforme de policial, a primeira policial feminina, posta pela revolução na avenida Niévski. As sobancelhas pretas sobre a ponte do seu nariz uniam-se com raiva. Dos seus olhos saíam faíscas.

– Que vergonha, camarada! – A policial falou apenas isto, mas como falou! Ele se atrapalhou, e balbuciou com culpa:

– Mas, juro, não fui eu! Eu estava apenas indo para casa...

– Eca! Você... um operário ainda por cima! – Disse a policial, encarando-o. E como encarou!

Se houvesse aqui, no calçamento, uma portinhola falsa, como essas que há no palco do teatro, através dela Jerebiákin escaparia, e esta teria sido a sua salvação. Mas ele teve que escapar caminhando devagar, sentindo aquele olhar atravessá-lo, queimando suas costas.

O dia seguinte foi novamente uma noite branca, novamente estava Jerebiákin indo do seu trabalho no teatro para casa, e novamente diante das grades do jardim Aleksandrovski estava a policial. Jerebiákin quis passar de fininho mas percebeu que ela olhava para ele, e, envergonhado, baixou a cabeça com culpa. Ela acenou. No metal preto-espelhado da sua espingarda refletia a aurora, e o metal parecia rosado. E diante dessa espingarda rosada Jerebiákin sentiu-se mais assustado do que diante de todas aquelas espingardas que durante cinco anos atiraram nele em várias frentes de batalha.

Apenas depois de uma semana ele arriscou iniciar uma conversa com a policial. Descobriu que ela também, como Jerebiákin, veio da província de Riazan, e que também lembrava das suas maçãs-adocicadas. Aquelas, que são doces, mas um pouquinho amargas. Como elas, por aqui não há...

Todos os dias, no caminho de casa, Jerebiákin demorava-se diante do jardim Aleksandrovski. As noites brancas estavam enlouquecedoras, e o céu verde, rosado e bronzeado não escurecia nem por um segundo. No jardim um casal que se abraçava procurava, como se fosse dia, uma sombra para não ser visto.

Nessa noite, desajeitado como um urso, Jerebiákin perguntou à policial:

– Então, por exemplo, vocês policiais, no desempenho de suas obrigações... vocês podem casar? Quero dizer, não quando estão em serviço, mas em geral, como seu serviço é militar...

– E para que casar? – respondeu a policial Kátia, escorada na sua espingarda. – Agora nós somos como os homens: é só querer, e amar...

A espingarda dela estava rosada. A policial levantou o rosto para o brilho do céu febril, depois olhou de passagem por Jerebiákin, e concluiu:

– Por exemplo, um homem que escrevesse poemas... ou um ator, que entrasse em cena e o teatro inteiro aplaudisse...

Maçã-adocicada: é doce, é amarga. Pétia Jerebiákin compreendeu que seria melhor ele ir embora dali e não voltar nunca mais: seu negócio estava terminado...

Não, não estava! Ainda existem milagres na terra! E quando aconteceu aquele evento inacreditável, em que o leão, por vontade divina, caiu bêbado, a sorte ocorreu a Pétia Jerebiákin e ele apressou-se ao gabinete do diretor.

Mas, isso tudo é passado. Agora ele corre debaixo de uma chuva de outono pela rua Glinka. Felizmente isto fica ao lado do teatro, e felizmente ele encon-

trou a policial Kátia em casa. Ela agora não era mais policial, era simplesmente Kátia. Com as mangas arregaçadas, ela lavava no tanque uma blusa branca. Na sua testa e nariz surgiram gotas de orvalho, e nunca ela esteve tão doce, quanto agora, doméstica.

Quando Jerebiákin pôs diante dela o bilhete de cortesia e disse que hoje ele iria atuar no espetáculo, ela não acreditou. Depois, ficou interessada. Depois, por alguma razão, ficou envergonhada e baixou as mangas arregaçadas. Depois olhou para ele (e como olhou!) e disse que iria sem falta.

O toque da campainha do teatro já soava alto pelas áreas de fumantes, pelos corredores, pelo *foyer*. O comissário careca, no seu camarote, espremia os olhos através de um *pince-nez*. No palco, por trás da cortina ainda fechada, as bailarinas ajustavam suas saias com os mesmos gestos dos cisnes quando baixam as asas para limpá-las na água. E por trás do penhasco, próximo do Leão Jerebiákin, preocupavam-se os diretores da peça e do teatro.

– Lembre-se: você é um operário-padrão! Preste atenção! Não estrague tudo! – sussurrou o diretor do teatro no ouvido do leão.

A cortina foi levantada, e atrás das luzes incandescentes da ribalta revelou-se diante do leão, a sala escura preenchida até o teto de manchas brancas, de rostos. Tempos atrás, quando era ainda apenas Jerebiákin, ele havia saltado para fora de uma trincheira. Diante dele explodiam bombas. Ele se contorceu, e seguindo o costume de sua aldeia, fez o sinal da cruz e prosseguiu adiante sem pensar. Agora parecia que não conseguiria dar sequer um passo, mas o diretor da peça empurrou-o pelas costas, e ele, virando-se com dificuldade, com braços e pernas que de repente se tornaram estranhos, escalou lentamente o penhasco.

No alto do penhasco o leão levantou a cabeça, e viu bem de perto, em um balcão do segundo piso, escorando-se contra a barreira de proteção, a policial Kátia. Ela olhava diretamente para ele. O coração leonino bateu forte uma, duas vezes! E parou. Ele tremia todo. Agora seria decidido o seu destino. A lança já voava na sua direção. Pá! Acertou-lhe do lado. Agora ele devia cair. Mas, e se ele cair de mal jeito de novo, e tudo acabar? Ele ficou apavorado como nunca antes na vida. Estava mais apavorado do que quando saiu da trincheira.

Na sala, o público já percebia que alguma coisa errada acontecia no palco: um leão ferido de morte permanecia de pé no alto do penhasco e olhava para baixo. Nas primeiras fileiras escutaram quando o diretor da peça gritou, num sussurro terrível: “Cai, demônio, cai!” E depois, todos viram uma coisa absolutamente fantástica: o leão levantou a sua pata direita, rapidamente fez o sinal da cruz e despencou do penhasco como uma pedra...

Por um segundo, a estupefação geral, e depois, como um projétil mortal, a sala explodiu em gargalhadas. A policial Kátia verteu lágrimas de tanto rir. O leão morto, afundando o focinho nas patas, chorou.

1935

Лев (Евгений Замятин)

Все началось с происшествия совершенно фантастического: именно – великолепный царь зверей, лев, оказался вдребезги пьяным. Он спотыкался на все четыре лапы и валялся на бок, это была совершенная катастрофа.

Лев обучался в Ленинградском университете и одновременно служил балетным статистом в театре. В сегодняшнем спектакле, одетый в львиную шкуру, он должен был стоять на скале и ждать, когда его сразит брошенное героиней балета копьё: тогда убитый лев падал со скалы на тюфяк за кулисы. На репетициях все шло превосходно – и вдруг сегодня, в день премьеры, за полчаса до подъема занавеса – лев подложил такую свинью! Запасных статистов не было. Отменить спектакль было нельзя: на спектакле будет приехавший из Москвы нарком. В кабинете у «красного директора» театра шло SOS-ное заседание.

В дверь постучали, и в кабинет вошел театральный пожарный Петя Жеребякин. «Красный директор» (он сейчас на самом деле был красный – от злости) накинулся на него:

– Ну, что, что надо? Некогда! К черту!

– Я, товарищ директор... я – насчет льва, – сказал пожарный.

– Ну, что насчет льва?

– Как, значит, наш лев пьяный, то я желаю, товарищ директор, льва сыграть...

Не знаю, бывают ли у медведей веснушки и голубые глаза. Если бывают, то громадный, в чутунных сапожниках, Жеребякин гораздо больше походил на медведя, чем на льва. Но вдруг чудом из него все-таки выйдет лев? Он божился, что выйдет, что он из-за кулис смотрел на все репетиции, что он, когда еще был солдатом, играл в «Царе Максимилиане». И в пик ухмыльнувшись режиссеру директор приказал Жеребякину сейчас одеться и попробовать.

Через несколько минут музыканты на сцене уже играли под сурдинку «Марш льва». Лев Петя Жеребякин выступал в львиной шкуре так, как будто

он родился не в рязанском селе, а в Ливийской пустыне. Но в последний момент, когда надо было падать со скалы, он глянул вниз – и запнулся.

– Падай же, черт... падай! – бешеным шепотом зашипел на него режиссер.

Лев послушно рухнул вниз. Он тяжело упал на спину и лежал, не мог встать. Неужели не встанет? Неужели в последний момент - опять катастрофа?

Его подняли. Он вылез из шкуры, он стоял бледный, держась за спину, и сконфуженно улыбался. Одного верхнего зуба у него не хватало, и от этого улыбка была какая-то жалостная и детская (впрочем, в медведях - всегда есть что-то детское, не правда ли?).

К счастью, ничего серьезного с ним, видимо, не случилось. Он попросил воды. Директор приказал принести ему стакан чая из своего кабинета. Когда он выпил чай, директор стал его торопить:

– Ну, товарищ, назвался львом - полезай в шкуру. Лезь, лезь, брат, скоро начнем!

Кто-то услужливо подскочил со шкурой, но лев не захотел в нее лезть: он твердо заявил, что ему непременно надо выйти из театра. Что это была за экстренная надобность – он отказался объяснить, он только сконфуженно улыбался. Директор вскипел. Он попробовал приказывать, попробовал напомнить, что Жеребякин – кандидат в партию, что он – ударник, но лев-ударник упрямо стоял на своем. Пришлось уступить – и, просияв щербатой улыбкой, Петя Жеребякин помчался куда-то из театра...

– Ну, куда, зачем его черт понес? – снова красный от злости спрашивал директор. – Какие такие у него секреты?

Красному директору никто не мог ответить: секрет был известен только Пете Жеребякину – и, разумеется, автору этого рассказа. И пока Петя Жеребякин бежит куда-то сквозь осенний петербургский дождь, мы можем переселиться на время в ту июньскую ночь, в которую родился его секрет.

Ночи в ту ночь не было: это был день, чутко задремавший на секунду, как задремывает в походе солдат, не переставая шагать и путаясь между явью и сном. В розовом стекле каналов дремлют опрокинутые деревья, окна, колонны, Петербург. И вдруг от какого-то легчайшего ветерка Петербург исчезает; вместо него - Ленинград, проснувшийся от ветра красный флаг над Зимним дворцом, у решетки Александровского сада - милиционер с винтовкой.

Милиционера тесно окружила кучка ночных трамвайных рабочих. Из-за плеч Пете Жеребякину видно только лицо милиционера - круглое, похожее на рязанское яблоко-ме-довку. Происходит что-то очень странное: милиционера хватают за руки, за плечи – и наконец один из рабочих, вытянув трубкой губы, нежно чмокает его в щеку. Милиционер багровеет, яростно свистит в свой свисток, рабочие разбегаются. Петя Жеребякин остается один лицом к лицу с милиционером – и милиционер так же внезапно исчезает, как вспугнутый ветром зеркальный Петербург: перед Жеребякиным – девушка в милицейской фуражке и гимнастерке, первая милиционерка, поставленная революцией на Невском проспекте. Черные брови над переносицей у нее сердито сцепились, из глаз – искры.

– Стыдно вам, товарищ, – только и сказала она Пете Жеребякину, но как сказала! Он растерялся, он забормотал виновато:

– Да это же, ей-богу, не я! Я просто домой шел...

– Эх ты... А еще рабочий! – посмотрела на него милиционерка, но как посмотрела!

Если бы здесь, на мостовой, был люк, как на театральной сцене, Жеребякин провалился бы в люк – и это было бы спасение. Но ему пришлось медленно уходить, чувствуя на спине насквозь прожигающий взгляд.

Назавтра – снова белая ночь, и снова товарищ Жеребякин шел со своего дежурства в театр домой, и снова у решетки Александровского сада - милиционерка. Жеребякин хотел прошмыгнуть мимо, но заметил, что она смотрит на него – и сконфуженно, виновато поклонился. Она кивнула. На зеркально-черной стали ее винтовки отсвечивала заря, сталь казалась розовой. И перед этой розовой винтовкой Жеребякин робел куда больше, чем перед всеми, которые стреляли в него пять лет на разных фронтах.

Он рискнул заговорить с милиционеркой только через неделю. Оказалось, что она тоже, как и Жеребякин, из Рязанской губернии и еще помнит их рязанские яблоки-медовки. Ну, как же: и сладко, и горчит маленько. Таких здесь нету...

Каждый раз, возвращаясь домой, Жеребякин останавливался у Александровского сада. Белые ночи совсем сошли с ума – и зеленое, розовое, медное небо не темнело ни на секунду. В саду обнявшиеся пары как днем искали тени, чтобы их не было видно.

В такую ночь неуклюже, по-медвежьи, Жеребякин спросил милиционерку:

– А что, например, вам, милиционеркам, при исполнении обязанностей можно замуж? То есть не при исполнении, а вообще – как ваша служба вроде военная...

– А зачем – замуж? – опершись на винтовку, сказала Катя-милиционерка. – Мы теперь – как мужчины: хотим и так любим...

Винтовка у нее была розовая. Милиционерка подняла лицо к полыхавшему в лихорадке небу, потом поглядела куда-то мимо Жеребякина – и договорила:

– Например, если бы такой человек, чтобы стихи сочинял... Или бы актер: чтоб вышел и ему бы весь театр захлопал...

Яблоко-медовка: и сладкое, и горькое. Петя Жеребякин понял, что лучше ему уйти и не возвращаться сюда больше: его дело – конченное...

Нет, не кончено! Бывают еще чудеса на свете! И когда случилось невероятное это происшествие, что лев, божьим изволением, напился пьяным, – Петю Жеребякина как осенило, он кинулся в кабинет к директору...

Впрочем, это все – уже позади: сейчас он сквозь осенний дождь мчался на улицу Глинки. Счастье еще, что это – рядом с театром, и счастье, что он застал милиционерку Катю дома. Это была теперь не милиционерка – это была просто Катя. Засучив рукава, она стирала в тазу белую кофточку. На носу, на лбу у ней проступали росинки – и никогда она не была милее, чем вот такая, домашняя.

Когда Жеребякин положил перед ней контрамарку и сказал, что он сегодня играет в спектакле, – она не поверила. Потом – заинтересовалась. Потом почему-то сконфузилась и опустила засученные рукава. Потом посмотрела на него (но как посмотрела!) и сказала, что придет непременно.

Звонки в театре уже трещали в курилке, в коридорах, в фойе. Лысый нарком жмурился сквозь пенсне в ложе. На сцене, за закрытым еще занавесом балерины опраивали юбочки тем самым жестом, каким, спускаясь в воду, лебеди чистят крылья. И за скалой возле льва Жеребякина волновались режиссер и директор.

– Помни: ты ударник! Смотри – не подгадь! – в львиное ухо шептал директор.

Занавес пошел вверх – и за огненной чертой рампы перед львом раскрылся темный зал, доверху полный белыми пятнами лиц. Давно, когда он был еще Жеребякиным, он вылезал из окопа, перед ним рвались снаряды, он вздрагивал, по деревенской привычке крестился – и все-таки бежал вперед.

Сейчас ему показалось — он не может сделать ни шагу. Но режиссер толкнул его сзади, и он, с трудом ворочая свои, сразу ставшие чужими, руки и ноги, медленно полез на скалу.

На верху скалы лев поднял голову — и совсем близко от себя, в ложе второго яруса, увидел перевесившуюся через барьер милиционерку Катю: она смотрела прямо на него. Львиное сердце громко ударило раз, два! — и остановилось. Он весь дрожал: сейчас решалась его судьба, уже летело в него копьё. Раз! — ударило оно в бок. Теперь надо падать. А вдруг упадет опять не так — и все погубит? Ему стало так страшно, как никогда в жизни, — куда страшнее, чем когда он вылезал из окопа...

В зале уже заметили, что на сцене происходит что-то неладное: смертельно раненный лев стоял неподвижно на верху скалы и смотрел вниз. В первых рядах услышали, как режиссер страшным шепотом крикнул: «Падай же, черт, падай!» И затем все увидели нечто совершенно фантастическое: лев поднял правую лапу, быстро перекрестился — и камнем рухнул со скалы...

Секунда всеобщего оцепенения, потом в зале, как смертоносный снаряд, взорвался хохот. У милиционерки Кати от смеха текли слезы. Убитый лев, уткнув морду в лапы, плакал.

1935

Referências

ZAMIÁTIN, Ievguêni Ivanovich. *Lev*. In: ZAMIÁTIN, I. I., SURIS, L. M. (Editor) Bich bozhii: sbornik proizvedeniy. Izdatelstvo Direct Media, Berlin-Moskva, 2016. p. 147-152.

ZAMIÁTIN, Ievguêni Ivanovich. *Lev*. Lib.ru/Klassika. Publicado em 27 jan. 2009. Disponível em: http://az.lib.ru/z/zamjatin_e_i/text_0530.shtml. Acesso em 31 ago. 2017.

Anexo: Ilustração para *O Leão* por Helder da Rocha (desenho e aquarela). 2016.